

A Marinha brasileira na Campanha do Atlântico :histórico das operações navais realizadas por comboios e patrulhamento das vias marítimas (1942-1945)

Graduando Andre Luiz Melo Tinoco Nogueira
Universidade Gama Filho (UGF)

Resumo:O presente texto tem como objetivo abordar a participação da Marinha do Brasil , bem como suas condições estruturais e logísticas referentes as condições bélicas e de seus meios navais, antes e durante a declaração de beligerância entre Brasil e países do Eixo e as ações que se desenvolveram no contexto da Segunda Guerra Mundial, precisamente no que diz respeito à missões realizadas no decorrer da Campanha do Atlântico, a mais longa campanha de batalhas navais realizada no cenário de guerra no Atlântico Norte e Sul. A documentação pesquisada refere-se aos registros e ofícios organizados e compilados pelo Estado Maior da Armada e encontrados no Arquivo da Marinha – Diretoria de Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha/RJ), contendo informações cruciais para análise das operações navais brasileiras durante a guerra, principalmente na missão dos comboios de navios que faziam a escolta de navios mercantes e patrulhamento das rotas marítimas entre os portos aliados. Tendo como referencia obras de militares estudiosos da guerra, como os Almirantes Artur Saldanha da Gama e Hélio Leôncio Martins que tratam de apresentar uma perspectiva da instituição Marinha do Brasil e a condição que a mesma encontrava quando se inicia o conflito, e obras acadêmicas produzidas por historiadores que falam sobre o fenômeno da guerra, podemos perceber a falta de estrutura e a corrida gerada para a organização da Marinha de Guerra na busca da atualização de seus meios navais e adestramento de seus homens para a guerra anti-submarina, principal ameaça que surgia nas águas do Atlântico. Analisando os registros das operações dos comboios, contendo dados e informativos sobre os navios mercantes brasileiros atacados e torpedeados, as baixas sofridas e a movimentação de submarinos, observamos um processo de amadurecimento na questão militar, fruto não só da ação inimiga contra navios brasileiros o que gerou revolta , como pelo adestramento e recursos obtidos



10.4025/6cih.pphuem.56

com apoio dos Estados Unidos da America, pelo acordo feito com o Brasil do programa de empréstimos e arrendamento de armamento, o qual gerou aumento do nosso efetivo bélico naval e ofereceu suporte na capacitação dos jovens marinheiros sem experiência na guerra submarina. Verificamos através de dados e estatísticas, esse aprendizado necessário e a modernização sendo aplicados a cada novo comboio que era lançado, justificando a importância dessas operações para Brasil e no cenário internacional, com os nossos aliados, na preservação e patrulhamento das linhas marítimas de logística comercial.

Palavras Chave :

Batalha do Atlântico; Marinha do Brasil; Segunda Guerra Mundial.

A Segunda Guerra:

Uma das formas de se interpretar o evento da Segunda Guerra Mundial(1939-1945), é como resultado de uma paz mal resolvida na Primeira Guerra , onde esse seria a continuação do primeiro conflito, um produto de um mentalidade coletiva abalada pelos atos de final de Guerra¹.A Alemanha estava arruinada, com sua produção industrial paralisada, lidando com miséria e soldados tomando suas cidades. Toda responsabilidade da Primeira Guerra é posta na Alemanha pelo Tratado de Versalhes. Esse cenário teria sido propício para a ascensão do Nazismo e a preparação da nova Guerra. E essa movimentação e mudanças no panorama mundial, vieram a perturbar a paz.

Porém, diferente da guerra de 1914 que era desenrolada por uma forte presença de concorrência internacional, a Segunda Grande Guerra, foi motivada por antigos e novos fatores, como o econômico, e agora a presença de um grande fator, o ideológico.

Foi uma guerra total, no sentido lato da palavra, e tanto um lado quanto o outro do conflito estavam destinados a lutar até o fim, empregando o máximo de sua força e estratégia. "O inimigo seria combatido até a ultima bala".(TOTA,2006).No decorrer da guerra, com o partido Nazista transformando a Alemanha numa potencia



10.4025/6cih.pphuem.56

militar, Hitler inicia sua política de dominação territorial e assim se segue o desenhar da guerra.

Princípio da guerra submarina no Atlântico:

O atlântico ao longo da história foi o principal caminho marítimo comercial, com grande volume de cargas e intenso tráfego de navios passageiros, ligando os principais continentes em uma rede de relações comercial globalizada e por onde escoava a maior parte da produção industrial mundial e matérias primas de todos os lugares. Com a adoção de uma postura de segurança hemisférica, os norte-americanos no âmbito continental, iniciam uma séria de negociações com as nações latino-americanas para o fornecimento de matérias-primas, instalação de base militares, oferecer equipamentos, a fim de modernizar e treinar as forças armadas locais, visando à defesa continental, etc. (CABRAL, 2010)

Uma grande estratégia Alemã era a de atingir essas relações de logística, com a obstrução ou corte das linhas de comunicação marítima, desestruturando assim a economia dos países que dependiam da exportação de matérias-primas, produtos agrícolas e combustíveis. Nesse momento, se intensifica o emprego do submarino como principal instrumento bélico alemão no Atlântico, e o aprimoramento de estratégias de combate dessa arma de guerra. As armas e táticas de guerra utilizadas pelos dois lados eram diferenciadas de acordo com o poder naval e dos investimentos em tecnologia bélica de cada potência. Assim, o Reino Unido tinha maior uso do elemento aéreo em suas táticas, priorizando a aviação. Já a Alemanha Hitlerista do *Terceiro Reich*, buscou o aperfeiçoamento de uma das armas mais temíveis no decorrer da guerra, que botou a guerra em constante estado de indecisão em sua resolução, o uso dos submarinos.

O ataque feito por grupos de submarinos (os *U-boats*), que antes faziam isoladamente seguindo as rotas comerciais em uma determinada região, foi uma das grandes inovações táticas utilizadas pelos alemães. A tática preferida pelo submarino na Segunda Guerra, era a furtiva, que consistia em seguir a "vítima", até encontrar um posicionamento conveniente para lançamento dos torpedos e com isso atacar.

O comandante Karl Dönitz, da força submarina entre 1935 e 1943 e comandante-em-chefe da *Kriegsmarine*ⁱⁱ, entre 1943 e 1945, teve a missão de aperfeiçoar essas estratégias de ataque submarino, e o deslumbre da ação de grupamento de submarino parte dele. Essas formações de agrupamentos de submarinos, utilizavam o ataque furtivo de noite, usando além de torpedos o fogo de superfície de artilharia contra navios comerciais inimigos. Essa tática chamava-se *matilha* (a tática conhecida como *Rüdeltaktik*, em alemão, e *Wolfpack*, em inglês). A questão principal característica da Batalha do Atlântico era a de incapacitação inimiga, buscavam entre suas ações o colapso industrial das potências, desestabilizando o país e podendo ainda agravar suas situações e problemas internos. Atacando as linhas comerciais e os comboios mercantes que faziam a logística das nações em guerra, iriam conseguir vitórias com a instabilidade do adversário frente as perdas de recursos, de extrema importância para um país (principalmente em face a guerra), já que tanto os Aliados quanto o Eixo não tinham imaginado a duração longa da guerra de atrito.

Nesse cenário de conflitos navais e acesso a rotas marítimas importantíssimas, a utilização de sistemas de proteção como os comboios e instrumentos como o radar, o sonar (equipamentos de detecção), novos tipos de munições e artilharia, tanto quanto o uso em maior escala de aviões, porta aviões, submarinos, possibilitam o emprego do aperfeiçoamento de táticas e estratégias navais durante o conflitos.

Esses ataques a comboios que foram se sofisticando no decorrer da longa batalha, tiveram início efetivo no próprio início da guerra, já à algumas horas após a declaração da Inglaterra de guerra com a Alemanha, onde foi atacado por torpedos o navio *SS Athenea* no atlântico norte, pelo submarino alemão *U-30*. Foi o início dos ataques mútuos das marinhas adversárias na guerra, onde nesse início de batalha a *Royal Navy* britânica sofreu maiores perdas por parte de seu contingente naval, como um porta aviões (*Courageous*) e o encouraçado afundado pelo *U-37*, *Royal Oak*

Da neutralidade do Brasil à entrada na guerra:

O Brasil está ligado a guerra antes mesmo de romper ligações com as potências do Eixo, visto que durante sua neutralidadeⁱⁱⁱ declarada, sofreu perda do navio mercante *Taubaté*, metralhado pela Luftwaffe, no Mar Mediterrâneo, porém não foi o que levou a quebra da neutralidade brasileira. A entrada brasileira se dá pois vários outros navios mercantes brasileiros, já na costa brasileira, foram atacados e destruídos por submarinos do Eixo, rompendo com a questão da neutralidade, além da entrada dos Estados Unidos na guerra^{iv}, que refletiu nos países da América Latina, onde os submarinos alemães passam a atuar no Atlântico ocidental e atacar navios de bandeiras neutras.

As ações no Atlântico passam a se intensificar e novos meios navais vão se incorporando, e o uso de bases situadas nas ilhas atlânticas adquiridas pelos norte-americanos junto com os britânicos, se torna fundamental.(CABRAL,2010)

Era a preocupação do Brasil, pois essas ações no Atlântico Sul representariam o cerceamento das comunicações entre cidades brasileiras, já que eram poucas as estradas terrestres, e o uso de rotas marítimas era essencial nesse período. Na visão estratégica, no Brasil, o nordeste se destacava por sua saliência que adentra o Atlântico, Natal e Recife sendo o ponto de maior importância no esquema de proteção às linhas de comunicação, possuindo uma posição geográfica favorável a estratégias e articulações pelo oceano, e os Estados Unidos tinham interesse em usar dessa posição para o uso de bases para suas forças. Nós sofriamos já com investidas dos corsários(submarinos) alemães em nossos navios mercantes desde 1941, e até a declaração direta de guerra do Brasil em 1942, mais de 30 navios mercantes já haviam sofrido ataques.

Os primeiros torpedeados foram o navio mercante *Cabedelo*, que saindo do porto de Filadélfia nos Estados Unidos, carregando carvão, desapareceu sem deixar sinais, podendo ter sido atingido por submarinos alemães ou italianos no percurso, pois ainda não existia o sistema de comboio (GAMA, 1985). Em 16 de fevereiro, o navio mercante *Buarque* foi atacado pelo submarino alemão *U-423*, seguindo-se o *Olinda*, *Arabutã*, o *Cairu*, o *Comandante Lira* (atacado mais perto do litoral brasileiro e único que foi salvo pelo rebocador *Heitor Perdigão*), *Gonçalves Dias*, *Alegrete*, *Pedrinhas*, *Tamandaré*, *Barbacena* e o *Piave*, e ainda o ataque em massa ocorrido em agosto de 1942, que afundou entre 15 e 19 navios na altura do Rio Real(Estado de Sergipe).

O submarino alemão *U-507*, provocou as maiores perdas de vida nos ataques a navios mercantes brasileiros, matando 270 pessoas no ataque ao *Baependi*, com uma tripulação total de 306 pessoas. Apenas horas depois, o *U-507*, encontrou o *Araraquara*, e afundou ele com 2 torpedos, levando a óbito mais 131 das 142 que estavam a bordo no navio. Outros navios tiveram o mesmo destino nas mãos desse submarino alemão, que durante 5 dias de ação, levou 6 embarcações mercantes dedicadas a cabotagem, e gera a soma de 607 perdas nas embarcações atacadas, o que levou a opinião pública brasileira ao choque, ocasionando a declaração do governo, de estado de guerra contra a Alemanha, Itália e Japão em 31 de agosto de 1942.

Preparação da Marinha do Brasil e atuação dos Comboios:

Ao ser estabelecido o estado de beligerância do Brasil com as potências do Eixo, a Marinha brasileira não estava preparada para a guerra submarina no que diz respeito a conhecimentos e armamentos para rivalizar com as armas táticas inimigas de combate. (CASTRO, 2004)

A aliança com os Estados Unidos por meio de acordos, nos permite nos aperfeiçoar com a ajuda deles, e preparar nossa frota naval para as ações no Atlântico. Essas alianças se deram por acordos que consistiam em uma assistência econômica, financeira e militar, e vendas de armas, pelo Programa de Empréstimo e Arrendamento^v, o *Lend and Lease* (1941-1944), suprimindo as demandas não só do Brasil, como de outros países da América Latina, na questão de armamentos e suprimentos.

O Brasil precisava do conhecimento das táticas anti-submarino e se encontrava desprovido desse recurso material, e dos equipamentos necessários nesse tipo de guerra que se encontrava no Atlântico. Por esse programa estabelecido com os norte-americanos, o Brasil recebeu diversos navios, sendo os primeiros, os Caça-Submarino classe G, começando pelo G1-Guaporé e o G2-Gurupi, que foram entregues em Natal, dia 24 de setembro de 1942, e contavam com guarnições de pessoal treinado em Miami.

Em seguida, ainda por Miami, de dezembro de 1942 a abril de 1943, foram incorporados oito Caça-Submarinos classe J (Sub-Chasers), o Javari, Jutai, Juruá, Juruema, Jaguarão, Jaguaribe, Jacuí e Jundiá, com casco de madeira que foram



10.4025/6cih.pphuem.56

apelidados pelos marinheiros brasileiros de Caça-Pau, todas embarcações atuantes na missão de comboiagem, e discriminados por operação realizada na documentação dos comboios.

Porém, a marinha ainda não havia ficado satisfeita pois pela imensa tarefa a realizar no atlântico, precisaria de mais navios, como disse o Almirante Ari Parreiras , a necessidade da marinha aquela altura era de *“navios, navios e mais bases para manter-los”*. Assim após um pedido recusado, finalmente foram enviados mais seis navios da Classe G, melhores preparados, somando oito unidades dessa classe. Essa classe se tornou conhecida por sua característica de casco de ferro, pela alcunha de Caça-Ferro, e contava com equipamentos de bom preparo para a guerra, como o sonar, radar, canhões de 76,2mm, metralhadoras de 20mm, um canhão automático de 40 mm, entre outras armas próprias para combate submarino, como os morteiros tipo K e bombas de profundidade. As embarcações atuantes nas operações navais, tinham seu histórico e características registradas no Histórico de operações navais, onde se estabelece dados técnicos , como tonelagem e armamentos encontrados em cada embarcação, numero de escoltas que participou e a nacionalidade dos navios envolvidos em cada comboio .

Continuandocom a incorporação de novos navios entregues a nossa força naval, tivemos a entrega de oito unidades de contratorpedeiros-de-escolta (CTE ou DEs na nomenclatura norte-americana), que já operavam em águas brasileiras e tiveram suas bandeiras substituídas por brasileiras e a mudança de sua guarnição. Esses navios formavam a classe B, poderosos para combate anti submarino, tanto quanto para combate de navios na superfície e aéreos. Por serem criados para a guerra, eram menores do que um contratorpedeiro normal, porém completos e poderosos, extremamente manobráveis e com propulsão diesel-elétrica que possibilitava rápido aumento de velocidade.^{vi}

Outros navios vieram integrar nossa frota, e navios fabricados no Brasil, também passaram por reformas onde foram armados e transformados e adaptados ao combate anti-submarino, que é o caso dos Cruzadores *Bahia* e *Rio grande do sul*, que foram adicionados sonar e armas de ataque; os navios mineiros classe carioca, que se transformaram em corvetas e os navios-hidrográficos *Rio branco* e *Jaceguai*, com as mesmas condições das novas corvetas carioca e artilharia anti aérea. Além do navio tanque *Marajó*, *Tênder Belmonte*, contratorpedeiros



10.4025/6cih.pphuem.56

Maranhão, rebocadores e navios auxiliares. Todos produtos de um esforço interno e grande trabalho para conseguir uma adaptação e maiores resultados na batalha.

A missão brasileira no Atlântico Sul estava concentrada na proteção das linhas de comunicações, principais alvos dos submarinos alemães, onde a escolta dos comboios de navios mercantes se torna a nossa principal ação na Batalha do Atlântico. Proteger as rotas e os navios que trafegavam entre o Mar do Caribe e nosso litoral sul, evitando a ação dos Uboats do inimigo, foi uma luta constante e fundamental para a continuidade das forças aliadas.

Mas, mesmo com toda ferramenta para combate e para realização da missão brasileira, precisávamos de um elemento principal para conduzir esses novos navios e novos equipamentos, o elemento humano. Tínhamos que reorganizar nossas forças navais assim como adestrar nosso pessoal^{vii} para um tipo novo de guerra e equipamento bélico. Até mesmo pescadores eram “usados” com a função de alertar qualquer movimentação estranhas em nosso litoral, servindo de informantes. (ALVES, 2002) Era necessário então instruir o pessoal da Marinha para uso de sonares, foguetes, bombas de profundidade, entre outros equipamentos novos, e para isso, mais uma vez a relação com os norte americanos se mostrou vantajosa, pois nosso pessoal foi treinado primeiramente no Centro de Instrução Anti submarino, na Flórida e logo após um grupo de oficiais e praças seriam treinados nos Centros de Adestramento de Miami, para formar guarnições de caça-submarinos e contratorpedeiros-de-escolta.

Foi instalado depois no nosso próprio país, dois Centros de Instrução de Táticas Antissubmarina (CITAS), um em Recife e outro no Rio, cujo objetivo era preparar novas guarnições e manter o treinamento das que estavam operando. Consistiu em um grande esforço, porém com ótimos resultados, que permitiu que nossa Marinha cumprisse com êxito a missão que lhe foi dada na Batalha do Atlântico.

Comboios no Atlântico Sul:

Com toda nossa dependência do comercio marítimo, a importância da ação dos comboios no atlântico está estritamente ligada a estrutura de nosso país, sendo



10.4025/6cih.pphuem.56

crucial hoje e mais ainda na segunda guerra, uma boa proteção do trafego mercante marítimo. No Atlântico Sul, o comboio principal era o que trazia para o sul os mercantes que se reuniam em Trinidad, nas Caraíbas, vindo até o Rio de Janeiro, e daí voltando, deixando e recebendo navios a serem protegidos dos portos intermediários.

Como disse o Almirante Arthur Oscar Saldanha da Gama , “Comboios eram basicamente trens de suprimento que corriam pelo mar.”(GAMA, 1985). Assim, a formação dos navios se dava pelos que iriam ser protegidos seguindo em frente, e os que faziam sua escolta em torno, em posições pré calculadas e de maior visibilidade geral, prontos para detecção de inimigos submarinos e preparados para eventuais oportunidade de ataque, forçando os submarinos a mergulhar, caso estivessem á espera dos mercantes. Tipicamente, costumavam ser comboios de até 60 navios mercantes, em grupos em 9 a 12 colunas de 600 mil jardas. Os locais que mereciam atenção especial dos escoltas, eram as áreas de encontro dos comboios, entradas e saídas de portos, assim como vigilância redobrada na noite. Os navios de guerra da escolta, ficavam em movimentos circulares ao redor dos mercantes em uma distancia de 4 mil metros.

Se encontrasse ou detectasse alguma ameaça , o sonar com seu característico ruído, passava a apresentar um eco e assim era chamada por uma buzina forte, todos para os postos de combate. Com base nos equipamentos que estabeleciam, limite esquerdo e limite direito, distancia, e aproximação, ao chegar a 600 metros , era fixado na espoleta o padrão de lançamento, por exemplo, no uso das bombas de profundidades e ficavam em alertas os outros para o ordem de fogo, caso necessitasse o uso de outros armamentos. Os navios brasileiros não escoltavam apenas navios brasileiros, como navios mercantes americanos e de outros países aliados, tendo protegido mais de 3 mil navios de varias nacionalidades, com pouquíssimos registros de perdas, prova de que a missão da nossa Marinha no Atlântico estava se desenrolando como esperado, com sucesso. Ao analisar a documentação referente as missões dos comboios, nos compilados organizados pelo Estado Maior da Armada, conseguimos enxergar a dimensão tomada pelas ações realizadas pela Marinha brasileira na proteção das rotas comerciais aliadas e agindo também na patrulha das águas do Atlântico.



10.4025/6cih.pphuem.56

É encontrado na documentação, inclusive, um folhetim informativo que circulava entre os tripulantes das embarcações em operação, onde é traçada toda a rotina a ser seguida durante o percurso do comboio, com esquemas de rotas de cada navio, suas posições durante o curso, movimentação e sistema de sinalização usado em caso de contato com submarino inimigo durante a travessia. Esses preparos e preocupações demonstram a seriedade com que era tratada a missão da Marinha brasileira e sua importância no cenário mundial, auxiliando o esforço de guerra dos aliados.

Conclusão:

Os navios de guerra brasileiros fizeram a escolta dos comboios de cerca de 3.164 navios, sendo a maioria navios brasileiros, porém mais de mil navios norte americanos, num total de 575 missões de escolta. Com esses números e os de perdas registradas, chegamos a conclusão de que 99% dos navios protegidos pela nossa marinha de guerra, chegaram em seu destino, além de 654 salvamentos no mar por navios de brasileiros.(DUARTE,1968)

Com o recorde de tempo no mar o Caça-Submarino *Guaporé*, ficou no mar o total de 427 dias, em 3 anos de operação brasileira. E o maior número de comboios realizados por participação de um navio, foi a Corveta *Caravela*, com fantásticas 77 participações.

Ainda nos dados estatísticos, o infeliz dado de 492 mortos, revela nossas perdas da Marinha de Guerra Brasileira. À medida que se avançava a guerra, os métodos e meios de combate dos Aliados, se aperfeiçoam, principalmente no combate dos submarinos, e isso diminui o ritmo imposto pela Alemanha e suas perdas aumentam cada vez mais. Uma das maiores armas nazistas na Segunda Guerra, estava perdendo suas forças, pois não conseguiram compensar as inovações introduzidas para combate submarino.

Os submarinos inimigos, tanto alemães quanto italianos deram perdas significativa a navegação aliada em geral, com 2600 navios mercantes e 175 de guerra afundados. Mas do lado inimigo as perdas foram grandes também, tendo os alemães perdendo 784 submarinos.



10.4025/6cih.pphuem.56

Ao analisarmos nossa missão no atlântico, constatamos que nossa capacidade de controlar as rotas marítimas é impressionante, mas nos deparamos com a constatação de um ponto chave na nossa estrutura que é a linha de comunicação marítima, que é um alvo prioritário para qualquer inimigo que viermos a ter. Temos que admitir e ter clara consciência que sem a ajuda dos norte americanos, nossa situação seria delicada e talvez outra. Porém as mudanças que sofreu a marinha e seu pessoal, se tornaram experiências levadas para o futuro da Marinha do Brasil, com uma mudança da mentalidade, formando uma nova marinha, muito mais profissional. A experiência da guerra, “forjou” os futuros almirantes, lhes deu conhecimento de prática de combate maior do que jamais tiveram.

Referencias:

ALVES, Vágner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial** : história de um envolvimento forçado. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio , 2002.

CASTRO, Celso... (org.). Nova História Militar Brasileira. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

DA SILVA, Francisco Carlos et alii(org). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

Diretoria de Ensino da Marinha. **Introdução á História Marítima Brasileira**. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2006.

DUARTE, Paulo de O. **Dias de Guerra no Atlântico**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1968.

MAGNOLI, Demétrio (org.) **Historias das Guerras** . 3º Ed. São Paulo: Contexto, 2006 .

MARTINS,HélioLeoncio; SALDANHA DA GAMA, Artur Oscar. *A Marinha na Segunda Guerra Mundial* in **Historia Naval Marítima Brasileira**, Volume Quinto TOMO II. Serviço de Documentação Geral da Marinha. Rio de Janeiro, 2006.

VIDIGAL,Armando; ALMEIDA, Francisco E A de. (org.). **Guerra no mar: Batalhas e campanhas navais que mudaram a história**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

ⁱ Trata-se do Tratado de Versalhes, um dos 5 mais importantes acordos de paz que puseram fim na 1^o grande Guerra, onde se estabelece para a Alemanha derrotada a perda de um sétimo de seu território, os dois impérios, alemão e austríaco se tornam repúblicas e proibidas de união, proibiu também o rearmamento da Alemanha.

ⁱⁱ Em português : Marinha de Guerra, nome dado a Marinha da Alemanha durante o regime Nazista, entre 1935 e 1945.

ⁱⁱⁱ O Brasil declara-se neutro em casos de guerra, no Decreto-lei n^o 1561, de 2 de setembro de 1939, assinado pelo então presidente Getúlio Vargas , declarando as regras de neutralidade.

^{iv} No dia 7 de dezembro de 1941, o Japão bombardeou a base norte-americana de Pearl Harbor, localizada no Havaí, onde destruiu com o ataque aviões e navios.Foi então declarada guerra por parte dos Estados Unidos ao Japão, e posteriormente a Alemanha e Itália.

^v Assinada em 11 de março de 1941, por meio desta o Brasil obteve um crédito de 200 milhões de dólares, o qual por ordem do presidente da Republica, coube ao Exército 100 milhões e à Marinha e Força Aérea 50 milhões cada, onde na marinha, 2 milhões foram destinados ao armamento de navios mercantes.

^{vi}Um desses CTE classe *B*,foi o *Bauru*, que até hoje, remanescente da segunda guerra, se encontra após reformas que o transformaram em museu, no Espaço Cultural da Marinha (RJ). Com 93m de comprimento e 1600 toneladas de deslocamento d'água, com o armamento anti-submarino e anti aéreo usado pelos dessa classe na escolta dos comboios dos navios mercantes durante a guerra.

^{vii} Criação da Força Nacional do Nordeste, foi um passo importante no processo de reorganização para adequação no conflito, criada em 5 de outubro de 1942, e contando primeiramente com os navios: Cruzadores Bahia e Rio grande do sul, navios mineiros Carioca, Caravelas, Camaquã e Cabedelo(que depois se converteram em corvetas) e os caça-submarinos Guaporé e Gurupi.